



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

EDUCAÇÃO

ISSN IMPRESSO 2316-333X

ISSN ELETRÔNICO 2316-3828

DOI 10.17564/2316-3828.2016v4n3p129-138

REPRESENTAÇÕES DO ASSOCIATIVISMO VOLUNTÁRIO NA HISTORIOGRAFIA EDUCACIONAL BRASILEIRA

Clotildes Farias de Sousa¹

RESUMO

A noção de associativismo voluntário de Alexis de Tocqueville aparece na historiografia da educação brasileira e está representada neste artigo em trabalhos que tratam das missões protestantes, da cultura escoteira e das ligas contra o analfabetismo. É compreendida a partir da obra “A Democracia na América” e relacionada às interpretações disponíveis na literatura histórico-educacional que aborda os modelos organizativos estrangeiros presentes na cultura brasileira. O conceito destaca-se neste texto pelo propósito principal de colaboração aos estudos desenvolvidos sob a

perspectiva da História Cultural cujos temas e problemas se ampliaram com as mudanças metodológicas suscitadas por preocupações teóricas em torno da necessidade de produção de uma história necessariamente baseada nos vários aspectos da vida humana.

PALAVRAS-CHAVE

Associativismo Voluntário. Educação. História Cultural.

ABSTRACT

The notion of voluntary associativism of Alexis de Tocqueville appears in the historiography of the Brazilian education and is represented in this article in works that deal with the protestant missions, the scout culture and the leagues against the illiteracy. The Democracy in related America” and to the available interpretations in the description-educational literature is understood from the workmanship “that approaches the organizational models foreign gifts in the Brazilian culture. The concept is distinguished in this text for the main intention of contribution to the studies developed under

the perspective of the Cultural History whose subjects and problems if had extended with the methodological changes excited by theoretical concerns around the necessity of production of a history necessarily based in the some aspects of the life human being.

KEYWORDS

Voluntary Associativism. Education. Cultural History.

RESUMEN

La noción del asociativismo voluntario de Alexis de Tocqueville aparece en el historiografía de la educación brasileña y se representa en este artículo en los trabajos que se ocupan a las misiones protestantes, de la cultura del escoteira y de las ligas contra el analfabetismo. La democracia en América relacionada” y a las interpretaciones disponibles en la literatura descripción-educativa se entiende de la ejecución “que los acercamientos los organizativos modelan los regalos extranjeros en la cultura brasileña. El concepto se distingue en este texto para la intención principal de la contribución a los estudios desarrollados bajo

perspectiva de la historia cultural que temas y problemas si está tenido extendido con los cambios de los metodológicas excitados por preocupaciones teóricas alrededor de la necesidad de la producción de una historia basada necesariamente en los algunos aspectos del humano de la vida.

PALABRAS CLAVE

Associativismo voluntario. Educación. Historia cultural.

1 INTRODUÇÃO

A primeira versão deste texto foi apresentada em 2013 na 6ª Semana de Extensão da Unit – ‘A Extensão Universitária Rompendo Fronteiras’, como intuito de mostrar uma possibilidade de interpretação dos fenômenos educacionais a partir da noção de associativismo voluntário presente na obra *A Democracia na América*, de Alexis de Tocqueville (2004). Agora transformado em artigo, o texto ainda se pauta na preocupação principal de entender as sociedades livres e de verificar as apropriações dessa categoria na historiografia da educação brasileira.

Por um lado, a célebre obra de Tocqueville serve de fonte para resposta da primeira questão elaborada: em que consiste o associativismo voluntário? Mas, a literatura histórico-educacional é ponto de partida para responder a segunda e última pergunta deste texto: que representações acerca do associativismo voluntário encontram-se nas investigações histórico-educacionais brasileiras?

Aparentemente simples, as duas questões exigem uma postura metodológica rigorosamente adequada ao objetivo principal de mostrar que é possível interpretar certos fenômenos nacionais em comparação com outras culturas, com o associativismo voluntário norte-americano, por exemplo. Trata-se de um propósito abrangente que se torna justificável quando se constata a crescente necessidade de compreensão dos modelos organizativos estrangeiros apropriados pela cultura brasileira mediante utilização sistemática de conceitos amplos.

O associativismo voluntário é um conceito conhecido por muitos autores, pois já fora abordado sob enfoques analíticos variados em diferentes áreas do conhecimento, mas no que diz respeito à História da Educação ainda é notável a escassez de análises. Até a escrita deste artigo, apenas dois autores da História da Educação parecem ter se interessado em tomar as

ideias tocquevillianas para exame de determinados objetos de estudo: Jorge Carvalho do Nascimento (2008), em seu trabalho *A Escola de Banden-Powell – cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de estado no Brasil* e Ester Fraga Villas-Boas do Nascimento (2009), no texto: *Associações voluntárias, missões protestantes e a História da Educação*.

Os trabalhos daqueles autores são fundamentais por serem fontes bibliográficas que revelam formas de apropriação da noção de associativismo voluntário na área da educação, bem como por revelarem determinadas sociedades livres no contexto nacional brasileiro e por serem referências metodológicas para quem se aventura a construir outras representações históricas das instituições educacionais republicanas sob a perspectiva da cultura; enfim, para quem se dedica a produzir uma história necessariamente baseada na preocupação em torno dos vários aspectos da vida (BURKE, 2005).

Representar historicamente uma instituição é ação que exige clareza e, com análise centrada na abordagem cultural, ação que impescinde da articulação de três modalidades de relação com o mundo social:

[...] em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim as formas institucionalizadas e objectivadas graças as quais uns ‘representantes’ (instâncias colectivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade. (CHARTIER, 1990, p. 23).

Tal articulação reafirma a grande transformação ocorrida nos estudos históricos-culturais a partir de 1930 nos Estados Unidos e na Inglaterra, principal-

mente quando essa abordagem superou os critérios que restringiam o interesse dos pesquisados a alta cultura e passou a valorizar a cultura cotidiana, ou seja, costumes, valores e modos de vida, aos moldes de certas visões antropológicas (BURKE, 2005). Coloca a História Cultural no lugar da amplitude dos objetos, da diversidade de temas e problemas, das práticas culturais (CARVALHO, 2000).

Neste texto, as práticas culturais apresentam-se submetidas aos sentidos atribuídos ao associativismo voluntário ao logo da narrativa construída, a partir da síntese das ideias contidas na obra *A Democracia da América* de Alexis de Tocqueville que se apresenta logo após esta introdução. Na terceira parte, as formas identificadas na literatura educacional acerca do associativismo voluntário brasileiro são indicadas, antes das considerações finais que encerram o artigo com os principais pontos abordados no trabalho e as perspectivas futuras de estudo.

2 O ASSOCIATIVISMO VOLUNTÁRIO NORTE-AMERICANO EXPRESSO POR ALEXIS DE TOCQUEVILLE

Em 1831 o historiador francês Alexis de Tocqueville viajou aos Estados Unidos para estudar o sistema prisional e lá permaneceu por nove meses surpreso com os vários aspectos daquela sociedade, principalmente com a realidade política e cultural. A célebre obra *A Democracia na América*, escrita no ano de 1832 após o seu retorno à França, inscreve as impressões de um autor de vinte e seis anos (ele nasceu em 29 de julho de 1805) sobre as diferenças verificadas por ele entre o modelo norte-americano de sociedade e os padrões aristocráticos europeus (BASTOS, 2007).

O primeiro volume de *A Democracia na América* foi publicado em 1835 com descrições e explicações acerca do funcionamento da democracia norte-americana. O segundo volume é de 1840 e apresenta uma

abordagem mais teórica e reflexiva sobre a natureza da própria democracia como modelo político (BEIRED, 2003). É justamente no segundo volume da obra que surge o tema do associativismo voluntário em meio à discussão sobre o papel da democracia para remodelação do processo político, dos comportamentos intelectuais, das crenças e costumes do povo.

Naquela obra, o espírito do associativismo é tratado em relação à ideia de nação que ultrapassa a mera representação de si dos americanos, multiplicando as oportunidades políticas dos cidadãos e os fazendo sentir mais dependentes uns dos outros, com interesses particulares reunidos em um geral mais forte, mais representativo deles próprios.

Os americanos de todas as idades, de todas as condições, de todos os espíritos, se unem sem cessar. Não apenas têm associações comerciais e industriais de que todos participam, mas possuem além dessas mil outras: religiosas, morais, graves, fúteis, muito gerais e muito particulares, imensas e minúsculas; os americanos se associam para dar festas, fundar seminários, construir albergues, erguer igrejas, difundir livros, enviar missionários aos antípodas; criam dessa maneira hospitais, prisões, escolas. Enfim, sempre que se trata de pôr em evidência uma verdade ou desenvolver um sentimento com o apoio de um grande exemplo, eles se associam. (TOCQUEVILLE, 2004, p. 131).

Aquele espírito norte-americano vital está atrelado aos dois princípios fundamentais da ordem democrática: igualdade e liberdade; igualdade de condições, baseada na distribuição equitativa dos bens materiais entre todos os homens, independente da hereditariedade e sorte deles, mas também igualdade política, expressa no autogoverno dos indivíduos iguais e capazes de deliberar sobre as questões públicas ou coletivas.

O espírito do associativismo expressa a liberdade política dos cidadãos que participam efetivamente do processo de elaboração das leis e da sua aplicação, organizados em instituições livres criadas na sociedade civil e voltadas para tomada de decisão sobre

as questões banais do cotidiano e as mais relevantes questões da nação. Expressa a liberdade política manifesta na atitude do indivíduo que se une a outras pessoas para juntos produzir no mundo um sentimento ou uma ideia concebida isoladamente; ideia do indivíduo que passa a ser uma “força que vê de longe”, um exemplo que fala e é ouvido.

Quando os cidadãos são forçados a se ocupar dos negócios públicos, são necessariamente tirados do meio de seus interesses individuais e arrancados, de tempo em tempo, à visão de si mesmos. Quando o público governa, não há homem que não sinta o preço da benevolência pública e que não procure cativá-la, atraindo a estima e a afeição daqueles em meio dos quais tem de viver. (TOCQUEVILLE, 2004, p. 124).

Trata-se de uma tradição, de um hábito ou simplesmente de uma crença capaz de politizar a sociedade civil, tão importante quanto à legislação e mais importante que as condições geográficas favoráveis a democracia norte-americana. “Ao meu ver, não há nada que mereça mais nossa atenção do que as associações intelectuais e morais na América” (TOCQUEVILLE, 2004, p. 135).

Parte da tradição são as associações políticas que representam um detalhe importante no movimento associativista, onde os homens aprendem a agir cooperativamente em vista do bem-comum, gratuitamente, sem comprometimento do patrimônio particular. O ingresso em uma associação civil geralmente causa temor as pessoas mais cautelosas com os seus recursos e bens materiais, mas nas associações políticas isso não ocorre porque tais instituições cumprem a função de “[...] grandes escolas gratuitas, onde todos os cidadãos aprendem a teoria geral das associações” (TOCQUEVILLE, 2004, p. 143).

As associações políticas representam um meio seguro para o exercício da liberdade pública dos homens, por proporcionar uma oportunidade de ação conjunta dos cidadãos, de exercício dos direitos políticos, de compreensão da sua condição de membros

de uma sociedade. Representam uma via importante de desenvolvimento humano, porque promovem a convivência, a interação, a ação recíproca e o sentimento de dependência mútua, mais fortemente que a mera representação da nação. A associação política mais eficaz envolve as questões mais próximas à vida e ao interesse de cada um, a exemplo da organização comunal que insere os homens e os orienta quanto ao uso da liberdade.

As instituições livres que os habitantes dos Estados Unidos possuem e os direitos políticos de que fazem tanto uso recordam sem cessar, e de mil maneiras, a cada cidadão, que ele vive em sociedade. Trazem a todo instante seu espírito à ideia de que o dever, tanto quanto o interesse dos homens, é tornarem-se úteis a seus semelhantes e como não vê nenhum motivo particular para odiá-los, já que nunca é nem seu escravo nem seu amo, seu coração se inclina facilmente para a benevolência. (TOCQUEVILLE, 2004, p. 129).

Embora a liberdade política seja perigosa, ensina a tornar o perigo menor, a manter a paz e o respeito às leis porque os limites das sociedades políticas são dados pelos próprios cidadãos, considerando-se os custos de tais limites, sem permitir que as restrições à liberdade política signifiquem perdas à civilização. Prejudicar a independência dos cidadãos, diminuindo o direito e o gosto deles se reunirem, é como cortar-lhes o braço, não impediria que eles conservassem por muito tempo as suas riquezas e as suas luzes, mas certamente poria em risco a civilização. “Que, para salvar a vida de um homem, cortem-lhe um braço, compreendo, mas não quero que me garantam que ele vai se mostrar tão hábil quanto se não fosse maneta” (TOCQUEVILLE, 2004, p. 146).

Ao tempo em que exercem controle, as associações políticas são também controladas pela própria sociedade civil que está subordinada a centralização governamental do Estado, mas não está submetida à burocratização da administração pública. O Estado apenas controla o risco da vontade da maioria se transformar em ditadura, sem prejudicar o trabalho das associações que fazem às vezes do governo, pois

sozinho dificilmente um governo daria conta de todas as pequenas iniciativas levadas a efeito no plano cotidiano sem se tornar tirânico.

O gosto e o hábito da associação são generalizados nas associações políticas, onde se promove o desejo de união e se ensina a arte de praticá-la, inibindo o horror das aspirações particulares típicas das sociedades democráticas que visam ao poder do Estado. Nas associações são renovados os sentimentos e as ideias tão necessários ao desenvolvimento humano; a liberdade e a civilização são garantidas porque a união dos membros que se encontravam separados inibe o individualismo ameaçador imposto pela igualdade de condições.

Dentre as leis que regem as sociedades humanas, há uma que parece mais precisa e mais clara do que todas as outras. Para que os homens permaneçam ou se tornem civilizados, é necessário que entre eles a arte de se associar se desenvolva e se aperfeiçoe na mesma proporção que a igualdade de condições cresce. (TOCQUEVILLE, 2004, p. 136).

A força de uma associação está na quantidade de pessoas congregadas e na sua capacidade de ser ouvida por todos, por isso impescinde de um jornal para unir os seus membros, mantendo uma relação de reciprocidade por que: “Os jornais fazem as associações e as associações fazem os jornais” (TOCQUEVILLE, 2004, p. 138). O jornal representa a liberdade de expressão e permite falar de uma só vez a todos aqueles que não se veem ou se juntam diariamente. Atende à finalidade de expor aos olhos de uma coletivamente, simultaneamente, os sentimentos ou ideias que estariam separados, em cada indivíduo, multiplicando as associações e em proporção idêntica os próprios jornais.

“Um jornal só pode subsistir se reproduzir uma doutrina ou um sentimento comum a um grande número de homens. Um jornal sempre representa, portanto, uma associação a que seus eleitores habituais são afiliados” (TOCQUEVILLE, 2004, p. 140).

As ideias de Alexis de Tocqueville destacam a força do associativismo voluntário para a cultura norte-americana e fazem supor algo similar em outros lugares, no Brasil, por exemplo, onde historicamente, instituições educacionais puderam representar o modelo internacional associativista. Pensar a apropriação das ideias tocquevillianas e da cultura americana em outros contextos é uma possibilidade que se apresenta à pesquisa educacional, tendo sido assumida em investigações realizadas por estudiosos da História da Educação.

3 REPRESENTAÇÕES HISTÓRICAS DAS SOCIEDADES LIVRES EDUCACIONAIS DO BRASIL

As missões protestantes norte-americanas expandiram-se a partir de meados do século XIX com o propósito de intervirem internacionalmente na área religiosa e são exemplos de associações voluntárias implantadas no Brasil a partir de ações voltadas para o desenvolvimento de igrejas, colégios, hospitais e orfanatos, administrados por missionários batistas, presbiterianos, metodistas e episcopais, dentre outras vertentes reformadas (NASCIMENTO, 2009).

Nascimento (2009) entende a aparente tentativa de invasão das missões protestantes no território brasileiro como uma apropriação interna pelos movimentos sociais, principalmente anticlericais, de um modelo de organização institucional útil à necessária disseminação de ideias novas. Esse tipo de instituição assumiu as características locais e se tornou uma representação brasileira daquele modelo associativo de cunho religioso, educacional e cultural.

A missão presbiteriana foi a primeira a adentrar o Brasil, sexto país a receber os missionários norte-americanos a partir de 1859, sendo dividida em 1896, em função das dimensões territoriais brasileiras, na Missão Sul e na Missão Central do Brasil que abran-

giam, respectivamente, as províncias de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina, assim como Bahia, Sergipe, Goiás, Mato Grosso e norte de Minas Gerais (NASCIMENTO, 2009).

Diferentemente do formato assumido no país de origem, onde as missões protestantes possuíam uma Junta, um escritório administrativo que funcionava em determinados Estados da Federação, no exterior, aquelas missões ficavam sem personalidade jurídica e os seus pastores, médicos, enfermeiras e professores atuavam meramente como “homens de Deus” ou mensageiros Dele para difusão da Sua Palavra. Tinham um campo geográfico de execução das atividades, com estação ou residência para os missionários, igreja e escola, sendo a igreja representativa da assembleia dos crentes batizados que seguiam as regras de comportamento e estavam aptos à evangelização e cooperação – ministro, presbíteros e diáconos (NASCIMENTO, 2009).

À parte as peculiaridades e os desdobramentos das propostas levadas a efeito, os elementos da cultura norte-americana aparecem nas ações da missão presbiteriana no Brasil, especificamente no que tange ao modelo organizativo do associativismo, baseado na proposta calvinista de expansão e de valorização do novo e moderno em termos da religião, da educação e da cultura, especialmente aos olhos de quem à época da sua chegada ao Brasil vivia no sertão baiano. Ali foi implantado um modelo escolar fundamentado no pragmatismo mediante as ações educativas da Missão Central do Brasil que deu ênfase a evangelização e difusão de hábitos e costumes próprios da cultura norte-americana.

O pragmatismo norte-americano referido encontra ressonância nas ideias de John Dewey, embora não se resuma a filosofia deste educador preocupado em colocar a experiência no processo de criação da realidade. O conceito envolve o conhecimento e sua aproximação com a experiência cotidiana, sendo distinto do sentido atribuído pela lógica racionalista que admite dicotomias entre os objetos analisados, entre razão

e experiência, por exemplo. A característica essencial da teoria do método de conhecer é, justamente, a continuidade entre conhecimento e uma atividade que modifica propositadamente o ambiente (DEWEY, 2007).

O modelo lógico e metodológico pragmatista baseia-se nas conexões porque supõe que somente na continuidade da vida se pode conhecer, uma vez que as atividades humanas são contínuas, consecutivas ou concentradas e cada ação anterior prepara o caminho para a posterior porque a inteligência consiste na previsão e planejamento ou no estabelecimento de objetivos, no estabelecimento das relações facultadas pelo pensamento reflexivo. Inspira um tipo específico de formação do indivíduo, a formação do cidadão, sustentada nos princípios da fé, da ciência e do mercado de trabalho; enfim, na civilização pretendida pelos defensores da educação integral, moral, intelectual e física (DEWEY, 2007).

O pragmatismo caracteriza as sociedades voluntárias brasileiras, conforme ocorreu com o escotismo que tomou a forma de instituição livre no interior do país em propostas culturais e educativas implementadas para formação escolar e extraescolar das crianças e jovens.

As associações voluntárias ganharam distintos formatos e buscaram atender diferentes objetivos. Foram lojas maçônicas, associações patrióticas, organizações literárias, instituições religiosas, organizações de educação escolar e extra-escolar como o movimento escoteiro. (NASCIMENTO, 2008, p. 212).

O Movimento dos Escoteiros internacional foi fundado pelo general inglês Robert Baden Powell no início do século XX como projeto educacional baseado nos princípios da formação moral e ética, do autogoverno; mas a cultura escoteira começou a se constituir entre os ingleses ainda no século XVII. Desenvolveu-se na América do Norte e assumiu as características de um movimento espontâneo do ponto de vista da participação dos membros e da obediência a padrões democráticos de governo, sendo a participação aberta a todos que estivessem nas faixas etárias a seguir

apresentadas, de acordo com as categorias específicas: 1) lobinhos – crianças a partir dos sete anos; 2) escoteiros – crianças com idade entre os 11 e 14 anos; 3) seniores – adolescentes com idade entre 15 e 18 anos; 4) pioneiros – jovens a partir dos 18 anos.

Os grupos escoteiros são sociedades livres no sentido atribuído por Alexis de Tocqueville e possuem uma consciência política própria do modelo de democracia representativa e de cultura política moderna, pois concebem um modelo organizativo comprometido com a expansão de uma cultura política liberal característica da modernização dos setores urbanos (NASCIMENTO, 2008).

A inserção do escotismo no movimento associativista brasileiro favorece análise semelhante em relação às ligas de combate ao analfabetismo que se notabilizaram por reunirem indivíduos e interesses para difusão de valores e hábitos específicos, de cooperação, compartilhamento de sentimentos e tendências democráticas, tanto em âmbito nacional quanto regional. A Liga de Defesa Nacional, a Liga Nacionalista de São Paulo e a Liga Brasileira de Combate ao Analfabetismo notabilizaram-se pela capacidade de convencimento e adesão da população às suas causas, a ponto de determinarem a criação de instituições estaduais congêneres em vinte dos estados da Federação.

Os Estados de Amazonas, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo se anteciparam, sendo os primeiros a confirmar a criação das ligas contra o analfabetismo em seus territórios, logo no ano da Fundação da Liga Brasileira (NOFUENTES, 2008). Porém, não menos expressiva, a participação da atual região Nordeste destacou-se porque todos os estados tiveram uma instituição representativa daquele movimento, ficando unidos no mesmo objetivo de difusão do patriotismo e civilização da população por meio da implantação de escolas de alfabetização.

A campanha das ligas de combate ao analfabetismo contribuiu com a consolidação da nova ordem

política republicana principalmente por ter congregado forças e capacidades suficientes para valorização e divulgação dos traços identitários das comunidades em que se inseriram, das vivências democráticas que se fortaleceram e perduraram pelo poder de mobilização alcançado para transmissão da cultura e para o exercício do poder, nos termos propostos por Chartier (1990).

Aquelas representações aproximaram-se sob muitos aspectos do associativismo norte-americano pelas múltiplas estratégias e práticas civilizadoras, mas principalmente destacaram-se como sociedades livres concebidas à luz de Alexis de Tocqueville pela força da adesão a sua causa, de intelectuais a militares, políticos, religiosos, comerciantes e industriais, todos convencidos da necessidade de combater o analfabetismo, elaborar e implementar projetos pedagógicos voltados para a ordem e o progresso da nação, para elevação dos princípios democráticos adequados a conjuntura política, econômica e social do século XX.

Certamente, as missões protestantes, o escotismo e as ligas contra o analfabetismo não são as únicas referências quando se trata do associativismo voluntário na história da educação brasileira, mas parecem ter sido as experiências reconhecidas sob o ponto de vista das ideias de Alexis de Tocqueville até agora. Merecem a atenção dos estudiosos sob o ponto das apropriações realizadas em torno do conceito e dos possíveis desdobramentos para novos trabalhos sobre o tema.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O associativismo voluntário é uma noção encontrada na obra *A Democracia na América* de Alexis de Tocqueville, na qual o autor descreve e reflete sobre o processo político, os comportamentos intelectuais, as crenças e os costumes do povo norte-americano. Trata-se do “espírito norte-americano” essencial a ordem democrática pela promoção dos princípios de igualdade e liberdade, sendo alimentado pelas associações políticas responsáveis pela educação da

população que aprende a agir cooperativamente em vista do bem-comum quando ingressa gratuitamente nesse espaço considerado como escola de civismo.

Aquele conceito foi apropriado por autores de diferentes áreas do conhecimento, embora nos estudos históricos educacionais ainda seja notável a escassez de análises baseadas nas ideias toquevillianas, exceto pelo exame já realizado das missões protestantes e da cultura escoteira que inspiraram outros estudos recentes acerca da cultura associativista no Brasil, a exemplo das ligas contra o analfabetismo.

As diferentes apropriações do associativismo voluntário verificadas na literatura comprovam as possibilidades analíticas oferecidas pela História Cultural para temas e problemas antes rejeitados pelos pesquisadores, sem esgotarem o assunto, chamando atenção para outras discussões mais profundas sobre certos fenômenos nacionais e educacionais em comparação com diferentes culturas, a exemplo dos modelos organizativos estrangeiros apropriados pela cultura brasileira.

REFERÊNCIAS

BASTOS, M. H. C. ARRIADA, E. A democracia na América, de Alexis de Tocqueville: uma leitura para a história da educação. **Revista Educação Unisinos**, v.11, n. 1, jan.-abr. 2007. p.5-14. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAMWoAI/a-democracia-na-america-alexis-tocqueville-leitura-a-historia-educacao>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

BEIRED, J. L. B. Tocqueville, Sarmiento e Alberdi: três visões sobre a democracia nas Américas. **Revista História**, v.22, n.2, 2003. p.59-78. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n15/a06n15.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2014.

BURKE, P. **O que é história cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CARVALHO, M. M. C. de. Usos escolares do impresso: questões de historiografia. **Caderno de História e Filosofia da Educação**, v.3, n.5, São Paulo: FEUSP, 2000. p.165-177.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.

DEWEY, John. **Democracia e Educação: capítulos essenciais**. São Paulo: Ática, 2007.

NASCIMENTO, E. F. V. C. do. Associações voluntárias, missões protestantes e a História da Educação. In: **Reunião da ANPED**, 32, 2009, Caxambu, Trabalho GT2, História da Educação. Disponível em: <http://32reuniao.anped.org.br/trabalho_gt_02.html> Acesso em: 17 jul. 2014.

NASCIMENTO, J. **A educação de Baden-Powel: cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de estado no Brasil**. Rio de Janeiro: IMAGO, 2008.

NOFUENTES, V. C. **Um desafio do tamanho da Nação: a campanha da Liga Brasileira contra o analfabetismo (1915-1922)**. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

TOCQUEVILLE, A. de. **A democracia na América: sentimentos e opiniões**. De uma profusão de sentimentos e opiniões que o estado social democrático fez nascer entre os americanos. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p.113-146.

Recebido em: 10 de agosto de 2014
Avaliado em: 16 de dezembro de 2014
Aceito em: 20 de abril de 2015

1. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe – UFS. Coordenadora Pedagógica do Centro de Educação Superior a Distância – UFS. E-mail: clotildesfs@gmail.com